

Harlan Coben

*Não conte
a ninguém*



SEXTANTE
FICÇÃO

*Em carinhosa memória de minha sobrinha
Gabi Coben (1997-2000),
nossa maravilhosa e pequena Myszka...*

Pequeno perguntou:

– Mas, quando tivermos morrido e partido, você continuará me amando, o amor continua?

Grande abraçou Pequeno carinhosamente enquanto contemplavam a noite, a lua na escuridão e as estrelas brilhantes.

– Pequeno, olhe as estrelas, como brilham: algumas já morreram faz tempo. Mas elas continuam brilhando no céu noturno, para você ver, Pequeno, que o amor, como a luz das estrelas, nunca morre...

– DEBI GLIORI, *No Matter What*
(Aconteça o que acontecer)

PARECIA UM SUSSURRO SOMBRIO AO VENTO. Ou talvez um frio na espinha. Alguma coisa. Uma canção etérea que apenas Elizabeth e eu podíamos ouvir. Uma tensão no ar. Alguma premonição. Existem desgraças que quase esperamos na vida – o que aconteceu com meus pais, por exemplo – e existem momentos sombrios, momentos de súbita violência, que mudam tudo. Havia a minha vida antes da tragédia. Existe a minha vida agora. As duas têm dolorosamente pouco em comum.

Elizabeth mantinha-se calada durante o passeio ao local de nosso primeiro beijo, mas aquilo não era incomum. Mesmo quando menina, ela possuía esse traço de melancolia. Ficava quieta e mergulhava em uma contemplação ou em um medo profundo, eu nunca sabia qual dos dois. Talvez fosse parte do mistério, acredito, mas pela primeira vez pude sentir o abismo entre nós. Nosso relacionamento havia resistido a muitas barreiras. Eu me perguntava se ele conseguiria sobreviver à verdade. Ou melhor, às mentiras não contadas.

O ar-condicionado do carro zunia. O dia estava quente e úmido. Um clima típico de agosto. Cruzamos a Ponte Milford, na altura do Parque Delaware Water Gap, e fomos recepcionados na Pensilvânia por um amistoso cobrador de pedágio. Dezesseis quilômetros adiante, vi numa pedra um aviso que dizia: LAGO CHARMAINE – PROPRIEDADE PARTICULAR. Entrei na estrada de terra.

Os pneus quicavam no chão, levantando poeira como um estouro de cavalos árabes. Elizabeth desligou o rádio. Pelo canto do olho, percebi que estava examinando meu perfil. Dois cervos mordiscavam algumas folhas à nossa direita. Eles pararam, olharam para nós, viram que éramos inofensivos e voltaram a comer. Continuei dirigindo até que o lago surgiu à nossa frente. O sol despedia-se de nós, tingindo o céu de púrpura e laranja. As copas das árvores pareciam estar pegando fogo.

– Não acredito que vamos continuar fazendo isso – falei.

– Foi você quem começou.

– Sim, quando tinha 12 anos.

Elizabeth deu um sorriso. Não costumava sorrir, mas, quando o fazia, *nossa!*, atingia em cheio meu coração.

– É romântico – insistiu ela.

– É brega.

- Adoro romantismo.
- Você adora uma breguice.
- E você só pensa em sexo.
- Que nada! No fundo, sou um romântico – brinquei.

Ela riu e segurou minha mão.

- Vamos, seu romântico, está ficando tarde.

Lago Charmaine. Meu avô havia inventado esse nome, o que aborrecera minha avó. Ela queria que o lago tivesse o nome dela. Seu nome era Bertha. Lago Bertha. Vovô nem ligava. Ponto para ele.

Há uns 50 anos, o lago Charmaine tinha sido uma colônia de férias para meninos ricos. O proprietário falira, de modo que vovô comprou barato o lago e todo o terreno em volta. Ele recuperou a casa do diretor da colônia de férias, mas demoliu quase todas as construções em frente ao lago. Dentro da mata, onde ninguém mais ia, deixou as cabanas dos meninos caírem aos pedaços. Minha irmã Linda e eu costumávamos explorá-las, em busca de velhos tesouros escondidos em suas ruínas, brincando de esconde-esconde e fugindo do bicho-papão que, com certeza, estava nos espreitando. Elizabeth raramente se juntava a nós. Ela gostava de saber onde tudo estava. Brincar de esconder a assustava.

Quando saltamos do carro, ouvi os fantasmas. Um monte deles, rodopiando e brigando pela minha atenção. O de meu pai venceu. O silêncio era total, mas eu jurava que conseguia ouvir os gritos de alegria de papai ao mergulhar do píer, os joelhos comprimidos contra o tórax, o riso quase de um louco, a pancada na água – quase um maremoto aos olhos de seu único filho homem. Papai gostava de mergulhar perto da balsa onde mamãe tomava banho de sol. Ela reclamava, mas mal conseguia disfarçar o sorriso.

Pisquei, e as imagens sumiram. Mas me lembrei de como o riso, o grito e a pancada na água vibravam e ecoavam na quietude de nosso lago e me perguntei se reverberações e ecos como aqueles chegam a morrer totalmente, se em algum ponto da mata os gritos alegres de meu pai ainda ricocheteavam tranquilamente nas árvores. Pensamento idiota, mas fazer o quê?

Lembranças machucam. As boas, mais ainda.

- Está tudo bem, Beck? – perguntou Elizabeth.

Virei-me para ela:

- Vamos dar umazinha, né?
- Pervertido.

Ela começou a percorrer a trilha, a cabeça erguida, as costas eretas. Observei-a por um segundo, lembrando-me da primeira vez que vira aquele andar. Eu tinha 7 anos e descia a Goodhart Road em minha bicicleta – aquela com o

selim alongado e o decalque do Batman. A estrada era íngreme e ampla, perfeita para um piloto de carro de corrida. Eu descia a ladeira sem segurar o guidão, com toda a segurança e coragem de que uma criança de 7 anos é capaz. O vento jogava meu cabelo para trás e fazia meus olhos se encherem de lágrimas. Vi o caminhão de mudança diante da velha casa dos Ruskins, virei e, pela primeira vez, vi minha Elizabeth, andando com a coluna perfeitamente ereta, já aos 7 anos com uma elegância incomum, com sapatos Mary Jane, uma pulseira artesanal e muitas sardas.

Encontramo-nos duas semanas depois na turma de segunda série da professora Sobel e, daquele momento em diante – por favor, não riam –, nos tornamos almas gêmeas. Os adultos achavam nosso relacionamento ao mesmo tempo bonitinho e prejudicial – nossa cumplicidade se transformando em afeição adolescente e depois, no ensino médio, num namoro não tão inocente assim. Todos, principalmente Elizabeth, achavam que nos separaríamos quando amadurecêssemos. Nós também. Ambos éramos jovens brilhantes, ótimos alunos, mantendo a razão mesmo diante de um amor irracional. Sabíamos quais eram nossas chances.

Mas eis que agora, aos 25 anos de idade, com sete meses de casamento, estávamos de volta ao local onde, aos 12 anos, compartilhamos nosso primeiro beijo.

Uma breguice, eu sei.

Abrimos caminho por entre os galhos e através da espessa umidade. O cheiro de pinho impregnava o ar. Transpusemos o capim alto. Mosquitos e outros insetos zuniam à nossa volta. Árvores projetavam longas sombras que poderiam ser interpretadas como bem se entendesse, assim como o formato das nuvens ou um teste de Rorschach.

Sáimos da trilha e abrimos caminho pelo mato mais denso. Elizabeth foi na frente. Segui dois passos atrás, o que, pensando bem, era um gesto quase simbólico. Sempre acreditei que nada poderia nos separar – afinal, nossa história não tinha provado isso? –, mas agora eu conseguia sentir como nunca que a culpa a impelia para longe.

Minha culpa.

Mais adiante, Elizabeth dobrou à direita, na altura da grande rocha semifálica, e ali, do lado direito, erguia-se nossa árvore. Nossas iniciais estavam gravadas no tronco:

E. P.

+

D. B.

Um coração as envolvia. Abaixo dele, 12 barras, cada uma marcando um aniversário daquele primeiro beijo. Eu estava prestes a soltar uma piadinha sobre como éramos bregas quando olhei para o rosto de Elizabeth – as sardas agora quase desaparecidas, a inclinação do queixo, o longo e gracioso pescoço, os olhos verdes e fixos, o cabelo escuro trançado como uma corda grossa –, e algo me impediu.

– Eu te amo – eu disse.

– Você já vai conseguir o que queria.

– Que bom!

– Eu também te amo.

– Tudo bem – respondi, fingindo estar aborrecido. – Você também vai conseguir o que queria.

Ela sorriu, mas tive a impressão de que hesitava. Abracei-a. Quando estávamos com 12 anos e finalmente tivemos coragem de declarar nosso amor, ela cheirava maravilhosamente a cabelo lavado e pirulito de morango. Eu estava radiante com a novidade de tudo aquilo, é claro, a emoção, a exploração. Agora ela cheirava a lilás e canela. O beijo brotou como uma luz quente do centro do meu coração. Quando nossas línguas se tocaram, senti meu corpo estremecer. Elizabeth se afastou ofegante.

– Você quer ter a honra? – perguntou ela.

Ela me entregou a faca e eu entalhei a 13ª barra na árvore. Treze. Em retrospecto, talvez aquilo tivesse sido um presságio.



Estava escuro quando voltamos ao lago. A lua pálida rompia a escuridão como um farol solitário. Não se ouvia som algum naquela noite, nem mesmo o canto dos grilos. Elizabeth e eu nos despimos rapidamente. Olhei seu corpo ao luar e senti um nó na garganta. Ela mergulhou primeiro, quase sem provocar ondulações na superfície. Eu a segui desajeitado. Surpreendentemente, o lago estava morno. Elizabeth nadou com braçadas harmoniosas e regulares, como se a água estivesse abrindo caminho para ela. Eu a segui. Ela veio ao encontro de meus braços. Sua pele estava morna e molhada. Eu adorava a pele dela. Abraçamo-nos com força. Ela comprimiu seus seios contra o meu tórax. Eu conseguia sentir seu coração e ouvir sua respiração. Sons de vida. Beijamo-nos. Minha mão desceu pela curva deliciosa de suas costas.

Quando terminamos – quando tudo parecia perfeito novamente –, agarrei uma balsa e subi. Eu ofegava, as pernas esticadas, os pés pendendo sobre a água.

Elizabeth fechou a cara:

– Isso são horas de dormir?

– Só um cochilo.

– Você não é fácil.

Pus as mãos atrás da cabeça e me deitei. Uma nuvem passou diante da lua, transformando a noite azulada em algo pálido e cinzento. O ar estava parado. Eu conseguia ouvir Elizabeth saindo da água e pisando no píer. Meus olhos tentaram se adaptar à escuridão. Eu mal podia ver sua silhueta nua. Ela era simplesmente de tirar o fôlego. Observei-a curvar-se para a frente e sacudir a água dos cabelos. Depois ela arqueou a coluna e jogou a cabeça para trás.

Minha balsa afastou-se ainda mais da margem. Tentei analisar o que acontecera comigo, mas eu mesmo não conseguia entender. A balsa continuou se movendo. Comecei a perder Elizabeth de vista. Quando ela desapareceu na escuridão, tomei uma decisão: eu contaria para ela. Eu contaria tudo.

Fiz que sim com a cabeça e fechei os olhos. Senti o peito leve. Fiquei ouvindo a água bater suavemente na balsa.

Foi então que ouvi uma porta de carro se abrindo.

Sentei-me.

– Elizabeth?

O silêncio era total, exceto por minha própria respiração.

Procurei sua silhueta novamente. Estava difícil distinguir, mas por um momento consegui vê-la. Ou pensei tê-la visto. Já não sei mais ao certo, nem sei se isso importa. De qualquer maneira, Elizabeth estava totalmente quieta, e talvez estivesse olhando para mim.

Pode ser que eu tenha piscado – não tenho certeza –, mas, quando olhei de novo, Elizabeth desaparecera.

Meu coração disparou:

– Elizabeth!

Nenhuma resposta.

O pânico aflorou. Pulei da balsa e nadei em direção ao píer. Mas minhas braçadas faziam um barulho terrível em meus ouvidos. Eu não conseguia ouvir o que estava acontecendo – se é que algo estava acontecendo. Parei.

– Elizabeth!

Por um longo momento, não ouvi nenhum som. A nuvem continuava tapando a lua. Talvez ela tivesse entrado na cabana. Talvez tivesse ido pegar algo no carro. Abri a boca para chamá-la de novo.

Então ouvi seu grito.

Abaixei a cabeça e nadei freneticamente, dando braçadas vigorosas na água e batendo as pernas como um louco. Mas eu continuava distante do píer. Tentei

olhar enquanto nadava, mas estava escuro demais, e a lua oferecia apenas filetes de luz que não iluminavam nada.

Ouvi o ruído de algo sendo arrastado.

Mais à frente, eu conseguia distinguir o píer. Devia estar a menos de seis metros. Nadei com mais vigor. Meus pulmões ardiam. Engoli água, os braços esticados, as mãos tateando cegamente no escuro. Até que encontrei a escada. Segurei-a com força, ergui-me e saí da água. Elizabeth molhara todo o píer. Olhei em direção à cabana. Escuro demais. Não dava para ver nada.

– Elizabeth!

Algo que parecia ser um taco de beisebol atingiu-me bem no peito. Meus olhos se arregalaram. Curvei-me, sufocando. Sem ar. Outro golpe. Desta vez no alto do crânio. Senti um estalo na cabeça, como se tivessem enfiado um prego em minha têmpora. Minhas pernas fraquejaram e caí de joelhos no chão. Totalmente desorientado, coloquei as mãos sobre as laterais da cabeça, tentando protegê-la. O golpe seguinte – o último – atingiu-me bem no rosto.

Tombei para trás e caí de volta no lago. Meus olhos se fecharam. Ouvi Elizabeth gritar novamente – dessa vez ela gritou meu nome –, mas o som, todos os sons desapareceram quando afundei.

1

Oito anos depois

OUTRA GAROTA ESTAVA PRESTES a partir meu coração.

Tinha olhos castanhos, cabelo ondulado e um sorriso que mostrava todos os dentes. Também usava aparelho ortodôntico, tinha 14 anos e...

– Você está grávida? – perguntei.

– Sim, Dr. Beck.

Esforcei-me para não fechar os olhos. Não era a primeira vez que via uma adolescente grávida. Nem sequer a primeira vez naquele dia. Eu trabalhava como pediatra na clínica de Washington Heights desde que terminara a residência no Centro Médico Presbiteriano de Colúmbia, cinco anos antes. Atendemos à população da previdência social (ou seja, a população pobre), prestando assistência médica familiar geral, incluindo obstetrícia, clínica geral e pediatria. Muita gente acha que estou lá por idealismo. Não é verdade. Gosto de ser pediatra. E não me agrada trabalhar com mães que passam o dia levando os filhos do judô para a natação e pais cheios de frescura e, bem, pessoas como eu.

– Quais são os planos de vocês? – perguntei.

– Eu e Terrell? Estamos muito felizes, Dr. Beck.

– Terrell tem quantos anos?

– Dezesseis.

Ela ergueu o olhar para mim, feliz e sorridente. De novo, esforcei-me para não fechar os olhos.

O que sempre me surpreende é que a maioria dessas gestações não é acidental. Esses bebês querem ter bebês. Ninguém entende isso. Eles falam sobre controle da natalidade, abstinência sexual e sexo seguro, mas a verdade é que suas amigas estão tendo bebês e atraindo todo tipo de atenção, de modo que, ei, Terrell, por que nós também não temos um?

– Ele me ama – revelou a garota de 14 anos.

– Você já contou para a sua mãe?

– Ainda não. – Ela se mostrou envergonhada como qualquer garota de sua idade. – Achei que o senhor poderia me ajudar a contar.

Fiz que sim com a cabeça:

– Claro.

Aprendi a não julgar. Ouço e demonstro empatia. Quando era residente, dava lição de moral. Do alto da minha sabedoria, mostrava aos pacientes quão autodestrutivo era seu comportamento. Mas, em uma tarde fria em Manhattan, uma garota entediada de 17 anos que estava tendo o terceiro filho do terceiro pai me olhou bem nos olhos e disse uma verdade indiscutível:

– O senhor não sabe nada da minha vida.

Aquilo me derrubou do pedestal. Agora apenas ouço. Parei de bancar o Homem Branco Benevolente e tornei-me um médico melhor. Darei a essa garota de 14 anos e ao seu bebê o melhor cuidado possível. Não vou contar a ela que Terrell vai cair fora, que ela arruinou seu futuro, que, se ela for como a maioria das pacientes daqui, entrará novamente numa furada com pelo menos dois outros homens antes de chegar aos 20 anos.

Se você pensar muito nisso, acaba enlouquecendo.

Conversamos por alguns momentos – ou, pelo menos, ela falou e eu escutei. A sala de exame, que também servia de consultório, era mais ou menos do tamanho de uma cela de prisão (não que eu saiba disso por experiência própria) e pintada de um verde institucional, como a cor de um banheiro de escola pública. Um cartaz para exames de vista – daqueles em que você tem de dizer quais são as letras – pendia atrás da porta. Adesivos desbotados de personagens da Disney cobriam uma das paredes, enquanto na outra se destacava um pôster gigante da pirâmide alimentar. Minha paciente de 14 anos estava sentada na mesa de exame com um rolo de papel higiênico novinho que dávamos a cada garota. Por algum motivo, a maneira como o papel se desenrolava me lembrou o modo como eram embrulhados os sanduíches na lanchonete Carnegie.

A calefação era sufocante, mas necessária em um lugar onde crianças e adolescentes frequentemente se despiam. Eu vestia meu costumeiro traje de pediatra: jeans, camisa moderninha, sapatos sociais e uma gravata berrante. Não usava jaleco. Acho que eles assustam os jovens.

A paciente de 14 anos – eu não conseguia deixar de pensar em sua idade – era uma boa garota. O engraçado é que todas elas são. Encaminhei-a a um obstetra de minha confiança. Depois, falei com sua mãe. Nada de novo ou de surpreendente. Como já disse, faço isso quase todos os dias. Abraçamo-nos na despedida. Por cima de seu ombro, sua mãe e eu trocamos um olhar. Cerca de 25 mães levam seus filhos para se consultar comigo a cada dia; ao fim de uma semana, posso contar nos dedos de uma mão quantas delas são casadas.

Como já disse, não julgo. Mas observo.

Depois que elas partiram, comecei a fazer anotações no prontuário da garota.

Voltei algumas páginas. Eu a vinha acompanhando desde o tempo de residência. Isso significava que ela começara comigo quando tinha 8 anos. Examinei sua curva de crescimento. Lembrei-me dela com 8 anos. Sua aparência não mudara muito. Enfim, fechei os olhos e os esfreguei.

Homer Simpson me interrompeu, gritando:

– E-mail! Você recebeu um e-mail! Iupi!

Abri os olhos e me virei para o monitor. Era o personagem do desenho *Os Simpsons*. Alguém substituíra o monótono aviso “Você recebeu uma nova mensagem” por esse áudio do Homer. Ele me agradava. Agradava muito.

Eu já ia verificar meu e-mail quando o toque do interfone me deteve. Wanda, a recepcionista, avisou:

– A sua, hummm... A sua... Shauna está ao telefone.

Entendi a confusão. Agradei e apertei o botão que piscava.

– Alô, querida.

– Surpresa – disse ela. – Estou aqui.

Shauna desligou o celular. Levantei-me e desci o corredor enquanto ela chegava da rua. Shauna entrou altivamente na clínica. Ela era uma modelo *plus size*, uma das poucas conhecidas por um só nome: Shauna. Como Cher. Media 1,85m e pesava 86 quilos. Como você pode imaginar, ela chamava a atenção, e todos na sala de espera se voltaram em sua direção.

Shauna nem sequer se dava ao trabalho de parar na recepção, e ninguém era bobo de tentar detê-la. Ela abriu a porta e me saudou com as palavras:

– Vamos almoçar. Agora.

– Eu avisei que estaria ocupado.

– Ponha o casaco – ordenou ela. – Está frio lá fora.

– Olhe, está tudo bem. De mais a mais, o aniversário do primeiro beijo é só amanhã.

– Não adianta querer me enrolar.

Eu hesitei, e ela percebeu que tinha me convencido.

– Vamos, Beck, será divertido. Como na faculdade. Lembra quando costumávamos sair para olhar as gatinhas?

– Eu nunca ficava olhando as gatinhas.

– Tudo bem, era eu quem olhava. Vá buscar o casaco.

Enquanto andávamos para o consultório, uma das mães deu um grande sorriso e puxou-me para o lado:

– Ela é ainda mais bonita ao vivo – sussurrou.

– É – respondi.

– Vocês estão... – A mãe fez um gesto significativo.

- Não, ela está com outra pessoa – respondi.
- É mesmo? Quem?
- Minha irmã.



Comemos em um restaurante chinês vagabundo com um garçom oriental que só falava espanhol. Shauna, que trajava um impecável conjunto azul com um decote profundo, fez uma cara séria:

- Rolinho de porco *moo shu*.
- Você gosta de arriscar – observei.

Conhecemo-nos no primeiro dia de faculdade. Alguém na secretaria se enrolou e pensou que seu nome fosse Shaun, de modo que acabamos sendo colegas de quarto. Pretendíamos avisar sobre o engano quando começamos a bater papo. Ela trouxe uma cerveja. Comecei a gostar dela. Algumas horas depois, decidimos deixar as coisas como estavam, porque nossos verdadeiros colegas de quarto poderiam ser um pé no saco.

Estudei no Amherst College, uma pequena faculdade de elite no oeste de Massachusetts, e, se existe um lugar mais nerd no planeta, não conheço. Elizabeth, que foi nossa oradora na formatura do colégio, escolheu ir para Yale. Poderíamos ter ido para a mesma universidade, mas discutimos a questão e decidimos que aquele seria um ótimo teste para o nosso relacionamento. De novo, estávamos agindo com maturidade. O resultado? Sentimos uma baita saudade um do outro. A separação estreitou nossa ligação e a distância deu uma nova dimensão à nossa amizade.

Breguice, eu sei.

Enquanto comia, Shauna perguntou:

- Você pode tomar conta de Mark esta noite?

Mark era meu sobrinho, tinha 5 anos. Em nosso último ano de faculdade, Shauna começou a namorar minha irmã mais velha, Linda. Elas fizeram uma cerimônia simbólica de casamento sete anos atrás. Mark é produto desse amor, com uma pequena ajuda da inseminação artificial. Linda o concebeu e Shauna o adotou. Como eram um pouco tradicionalistas, elas queriam que o menino tivesse uma figura masculina em sua vida. Sobrou para mim.

Comparado ao que vejo em meu trabalho, aquilo era um conto de fadas.

– Tudo bem – concordei. – Estava mesmo querendo ver o novo desenho da Disney.

– A garota do desenho é uma gata – comentou Shauna. – A melhor desde Pocahontas.

– É bom saber – respondi. – Mas aonde você e Linda vão?

– A mesma coisa de sempre. Deus me livre. Agora que as lésbicas estão na moda, nossa agenda social ficou abarrotada. Tenho saudade do tempo em que não saíamos do armário.

Pedi uma cerveja. Não deveria, mas uma só não faria mal.

Ela pediu uma também.

– Quer dizer que você brigou com... como era o nome dela? – perguntou Shauna.

– Brandy.

– Isso. Belo nome, aliás. Ela tinha uma irmã chamada Whiskey?

– Saímos apenas duas vezes.

– Que bom. Ela parecia uma bruxa esquelética. Além disso, arranjei uma pessoa perfeita para você.

– Não, obrigado.

– Ela tem um corpão.

– Não tente me arranjar ninguém, Shauna. Por favor.

– Por quê?

– Lembra a última vez que você me apresentou alguém?

– Cassandra?

– Isso.

– O que havia de errado com ela?

– Em primeiro lugar, ela era lésbica.

– Meu Deus, Beck, você é preconceituoso.

Seu celular tocou. Ela se reclinou e atendeu, mas seus olhos não deixaram de me fitar. Ela rosnou algo e guardou o aparelho.

– Tenho que ir – anunciou.

Gesticulei para o garçom pedindo a conta.

– Você vai lá para casa amanhã à noite – ordenou ela.

Simulei um suspiro.

– Vocês não têm planos?

– Eu não. Sua irmã vai ao baile a rigor da Fundação Brandon Scope.

– Você não vai com ela?

– Não.

– Por quê?

– Não queremos deixar Mark sem nenhuma de nós duas noites seguidas. Linda tem que ir. É ela quem está cuidando dessas coisas agora. Vou tirar uma folga. Portanto, venha amanhã à noite, está bem? Vou alugar uns desenhos para vermos com Mark.

O dia seguinte seria o aniversário de nosso primeiro beijo. Se Elizabeth estivesse viva, gravaríamos a 21ª barra naquela árvore. Embora isso possa parecer estranho, aquele dia não seria particularmente difícil para mim. Nas datas comemorativas, feriados ou aniversários de Elizabeth, fico tão a mil que costumo enfrentá-las sem problemas. Os dias “normais” é que são difíceis. Quando zapeio com o controle remoto e deparo com um episódio de *Mary Tyler Moore* ou *Cheers*. Quando passo por uma livraria e vejo um novo livro de Alice Hoffman ou Anne Tyler. Quando ouço os O’Jays ou os Four Tops ou Nina Simone. As coisas comuns.

– Prometi à mãe de Elizabeth que daria uma passada lá – disse.

– Ah, Beck... – Ela ia começar a discutir, mas se conteve. – E depois de passar lá?

– Tudo bem – respondi.

Shauna agarrou meu braço.

– Você está desaparecendo de novo, Beck.

Não respondi.

– Eu te amo, você sabe. Quer dizer, se eu tivesse a menor atração sexual por homens, eu provavelmente teria ficado com você e não com sua irmã.

– Sinto-me lisonjeado – respondi. – Realmente.

– Não me exclua. Se você me excluir, excluirá todo mundo. Fale comigo, o.k.?

– O.k. – respondi. Mas não consigo.



Quase apaguei o e-mail.

Recebo tanto spams, tantos e-mails de propaganda, que me tornei craque em deletar. Leio o endereço do remetente primeiro. Se for de alguém que conheço do hospital, ótimo. Se não, apago com entusiasmo.

Sentei-me à escrivaninha e verifiquei a agenda da tarde. Repleta, como de hábito. Fiquei girando na cadeira e preparei o dedo para deletar. Um e-mail apenas. Aquele que fizera Homer gritar. Dei uma olhada, e as duas primeiras letras do assunto me chamaram a atenção.

Que diabo?

Da maneira como a janela estava formatada, eu só conseguia ver aquelas duas letras e o e-mail do remetente. O endereço era desconhecido. Um monte de números@comparama.com.

Forcei a vista e apertei a tecla de rolagem para a direita. Os caracteres foram aparecendo um a um. Cada vez que eu apertava a tecla, minha pulsação acelerava um pouco mais. Minha respiração ficou estranha. Mantive o dedo na tecla de rolagem e aguardei.

Quando acabei, quando todas as letras ficaram visíveis, li o assunto de novo e, ao fazê-lo, senti uma forte pontada no coração.



– Dr. Beck?

Minha boca estava paralisada.

– Dr. Beck?

– Um minuto, Wanda.

Ela hesitou. Eu podia ouvir sua respiração pelo interfone. Depois, ouvi o clique dele sendo desligado. Continuei de olho na tela:

Para: dbeckmd@nyhosp.com

De: 13943928@comparama.com

Assunto: E. P. + D. B. //////////////////////////////////

Vinte e uma barras. Já contei quatro vezes.

Uma brincadeira de mau gosto, cruel. Eu sabia. Fechei o punho como se fosse dar um soco. Perguntei-me que filho da puta tinha enviado aquela mensagem. É fácil se manter anônimo em e-mails – o melhor refúgio de um tecnocovarde. Mas o fato era que poucas pessoas sabiam da nossa árvore e do dia do primeiro beijo. A mídia não descobrira aquilo. Shauna sabia, é claro. E Linda. Elizabeth poderia ter contado aos pais ou ao tio. Mas fora essas pessoas...

Portanto, quem enviara aquilo?

Quis ler a mensagem, é claro, mas algo me conteve. A verdade é que penso em Elizabeth mais do que deixo transparecer – não acho que esteja enganando ninguém com isso –, mas nunca falo sobre ela ou sobre o que aconteceu. As pessoas acham que estou sendo macho ou valente, que estou tentando poupar os amigos ou evitando a piedade dos outros, ou alguma bobagem dessas. Nada disso. Falar sobre Elizabeth dói. Dói muito. Traz de volta seu último grito. Traz de volta todas as perguntas não respondidas. Traz de volta todos os “e se...” (poucas coisas, acredite, são mais devastadoras do que os “e se...”). Traz de volta a culpa, o sentimento, por mais irracional que seja, de que um homem mais forte – um homem melhor – poderia tê-la salvado.

Dizem que se leva muito tempo para compreender uma tragédia. Você fica entorpecido. Não consegue aceitar a triste realidade. Mas nem sempre isso é verdade. Pelo menos não no meu caso. Eu compreendi todas as implicações no momento em que acharam o corpo de Elizabeth. Compreendi que nunca mais a veria, que nunca mais a abraçaria, que nunca teríamos filhos e não envelhece-

ríamos juntos. Compreendi que aquilo era definitivo, que não haveria uma segunda chance, que nada poderia ser permutado ou negociado.

Comecei a chorar de imediato. A soluçar incontavelmente. Solucei daquele jeito durante quase uma semana, sem trégua. Solucei durante o funeral. Não deixei ninguém me tocar, nem mesmo Shauna ou Linda. Eu dormia sozinho em nossa cama, enterrando a cabeça no travesseiro de Elizabeth, tentando sentir o cheiro dela. Percorria seus armários e apertava suas roupas contra o rosto. Nada disso me confortava. Era uma sensação estranha e doía. Mas era o cheiro dela, uma parte dela, de modo que não conseguia me conter.

Amigos bem-intencionados – esses são os piores – diziam os clichês usuais, por isso posso alertar você: simplesmente exprima suas profundas condolências. Não me diga que ainda sou jovem. Não me diga que vou ficar bem. Não me diga que ela está num lugar melhor. Não me diga que sua morte faz parte de algum plano divino. Não me diga que tive a sorte de viver aquele amor. Cada um desses lugares-comuns me deixava furioso. Eles só me faziam – sei que você vai me achar cruel – pensar no idiota que estava dizendo aquilo e me perguntar por que ele ou ela ainda respirava enquanto Elizabeth apodrecia.

Eu vivia ouvindo aquele besteiro de “melhor ter perdido a pessoa amada do que nunca ter vivido um grande amor”. Outra besteira. Acredite, não é melhor. Não me mostre o paraíso e depois o destrua. Pode ser egoísmo meu, mas foi isso o que aconteceu. O que mais me entristecia – o que realmente doía – era o fato de Elizabeth ter sido privada de tanta coisa. Já perdi a conta de quantas vezes vi ou fiz algo e pensei em como Elizabeth adoraria aquilo. Nesses momentos a dor ressurge.

As pessoas se perguntam se sinto algum remorso. A resposta é: apenas um. Sinto remorso dos momentos que desperdicei fazendo outras coisas que não fossem tornar Elizabeth feliz.

– Dr. Beck?

– Mais um minutinho – respondi.

Segurei o mouse e posicionei o cursor sobre a mensagem. Cliquei e ela apareceu:

Para: dbeckmd@nyhosp.com

De: 13943928@comparama.com

Assunto: E. P. + D. B. //////////////////////////////////

Mensagem: Clique no link abaixo, a hora do beijo.

Senti um aperto no peito.

A hora do beijo?

Só podia ser piada. Não entendo nada de mensagens secretas. E também não gosto de ficar esperando.

Voltei a agarrar o mouse e movi a seta sobre o link. Cliquei e ouvi o barulho do modem típico das máquinas antiquadas. Temos um sistema antigo na clínica. A página levou algum tempo para abrir. Aguardei, pensando: “A hora do beijo, como é que eles sabem disso?”

A página surgiu. Havia uma mensagem de erro.

Franzi a testa. Quem teria mandado aquilo? Tentei pela segunda vez, e a mensagem de erro voltou. Tratava-se de um link corrompido.

Quem foi que descobriu a hora do beijo?

Nunca contei a ninguém. Elizabeth e eu não falávamos muito disso, provavelmente por não ser importante. Éramos sentimentais como Poliana, e por isso guardávamos essas coisas para nós mesmos. Sei que é uma cafonice, mas, quando nos beijamos pela primeira vez, 21 anos antes, olhei a hora. Só de curtição. Recuei e consultei o relógio:

“Seis e quinze”, observei.

E Elizabeth disse:

“*A hora do beijo.*”

Olhei a mensagem outra vez. Comecei a me aborrecer. Aquilo não era nem um pouco engraçado. Não é nada legal mandar um e-mail cruel, mas...

A hora do beijo.

Bem, a hora do beijo seria às seis e quinze da próxima noite. Eu não tinha muita escolha. Teria de esperar até lá.

Fazer o quê?

Salvei o e-mail num disquete, por medida de segurança. Ativei o menu de opções de impressão e escolhi Imprimir Tudo. Não entendo muito de computadores, mas sei que às vezes é possível descobrir a origem de uma mensagem pelos códigos no rodapé. Ouvi o ruído da impressora. Olhei de novo o assunto. Contei as barras novamente. Ainda 21.

Pensei naquela árvore e no primeiro beijo e, naquele consultório apertado e sufocante, senti cheiro de pirulito de morango.